

	PALAVRA VIVA Comunhão, Identidade e Maturidade
	O PRÓDIGO QUE FICOU¹ Cura pela Palavra de Deus para a insatisfação

TEXTO BÍBLICO: Lucas 15.25-32

²⁵ Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. ²⁶ Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. ²⁷ E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. ²⁸ Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo. ²⁹ Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; ³⁰ vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado. ³¹ Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. ³² Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.

A parábola do filho pródigo é a mais bonita e a mais conhecida de todas as que Jesus contou. O filho mais jovem, insatisfeito com a vida na casa de seu pai, sai de casa e cai no mundo buscando prazeres e sensações nunca experimentadas. Depois de sofrer, passar fome e ser humilhado, volta e é recebido amorosamente. Essa história tem emocionado multidões de pessoas ao longo dos séculos.

A palavra “pródigo” é sinônimo de “gastador, esbanjador, dissipador, perdulário e desperdiçador”². O filho mais novo ganhou este título pelo fato de ter desperdiçado a comunhão e os bens de seu pai, vivendo dissolutamente em terras longínquas.

Todos conhecem o pródigo que saiu. Mas na parábola há também o pródigo que ficou. O filho mais velho, o que nunca deixou a casa, nunca fez nada errado, nunca transgrediu um só mandamento de seu pai. Ele também era um desperdiçador. Como seu irmão mais novo, não soube aproveitar as bençãos e a comunhão do lar paterno. O irmão mais novo estava insatisfeito com a vida e saiu de casa; percebeu o que havia perdido e depois voltou. Seu pai ficou muito feliz, porque ele “estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (v.24). O mais velho, no entanto, estava insatisfeito e não fez nada. Continuou em casa morto, perdido e frustrado.

A insatisfação tem sido o traço mais marcante da vida de muitos que buscam refúgio na Casa de Deus. Vivem sob o teto do Pai, procuram servi-lo e obedecer-lhe, mas intimamente se sentem descontentes e frustrados. Vivem murmurando, reclamando, remoendo insucessos, injustiças e os desafetos, numa disposição de alma amarga e sombria. Quando isso acontece conosco, colocamo-nos na mesma situação do pródigo que ficou.

I – A INSATISFAÇÃO DETECTADA

¹ Esta reflexão foi elaborada pelo Pr. Marcelo Aguiar, pastor batista, escritor e conferencista, servindo ao Senhor na Igreja Batista em Mata da Praia, Vitória, Espírito Santo.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 10^a Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961, p.81.

O problema do filho mais velho se evidencia, a princípio, por permanecer calado. Às vezes o silêncio é profundamente revelador, e a falta de palavras fala mais alto do que a abundância delas.

Quando o caçula pede a sua parte da herança e sai de casa para gastá-la, comete um sério delito segundo a cultura oriental. Além de ser um desrespeito para com seu pai, é uma forma de dizer que deseja a sua morte, pois a herança só era repartida quando o pai falecia. Os ouvintes de Jesus, nesse ponto da parábola, devem ter esperado que aquele homem desse uma boa surra no filho! Mas, em vez disso, ele satisfez o seu desejo de sair. Todos imaginaram, então, que o filho mais velho cumpriria seu papel, pois, na cultura local, caberia a ele promover a reconciliação. Teria de chamar o caçula no canto e demovê-lo da ideia, falar carinhosamente ao pai e consolá-lo. Mas ele não fez nem uma coisa nem outra. Não fez nada, não disse uma só palavra.³

O mais velho permaneceu em silêncio porque ele também estava insatisfeito! Só não saía de casa por uma questão de obrigação (ele era cumpridor da lei e dos deveres filiais) e por uma questão de segurança (afinal, na casa do pai ele tinha abundância de pão).

Há muitas pessoas cuja relação com Deus se reduz tão somente a sentimentos de obrigação e segurança. Seguem-no por medo ou por costume. Servem-no por dever ou interesse. O resultado é uma vida sem alegria, sem abundância, sem realizações, uma vida insatisfeita. E é claro que não é esse tipo de existência que o Senhor quer para seus filhos. Ele quer que vivamos satisfeitos.

Isso não significa que não possamos querer melhorar de vida, conquistar nossos ideais, melhorar nossas relações com os outros, consertar nossos erros, realizar nossos sonhos. Satisfação não é sinônimo de acomodação. Paulo, apóstolo do Senhor Jesus Cristo, por exemplo, estava sempre querendo melhorar. “irmãos”, disse ele, “quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3.13-14). Contudo, ao mesmo tempo vivia satisfeito: “... aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado, de tudo e todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (Filipenses 4.11-12).

Quando a nossa insatisfação se traduz em reclamações, amargura de alma, murmurações e pessimismo, estamos declarando a Deus que Ele, afinal de contas, não é um pai tão bom assim. Mesmo que não digamos isso com os lábios, o nosso silêncio nos denunciará, como aconteceu com o filho mais velho da parábola.

II – A INSATISFAÇÃO REVELADA

Ao voltar da jornada no campo e ouvir o som das músicas, das vozes e dos gritos de júbilo, o filho mais velho achou que havia algo errado (vv.25-26). O que era apenas uma suspeita então se confirmou: O pródigo que ficou, na verdade, trabalha, mas vê com desconfiança tudo que é júbilo e festa.⁴ Assim também aquele que serve a Deus por obrigação duvida da alegria do crente sincero, simples e profundamente abençoado. Sente-se preterido, discriminado, menos amado pelo Senhor.

³ BAYLE, Keneth. **A Poesia e o camponês**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985, p.218.

⁴ BAYLE, Keneth. Op. Cit., p.240.

Como você tem se sentido? Insatisfeito, frustrado, derrotado? Como você tem se julgado? Esquecido, preterido, injustiçado? Talvez tenha andado triste, irritado e magoado, achando que Deus ama mais os outros do que a você. Quero que saiba de uma coisa: Deus o ama muito! Muito, muito, muito, muito! Ele o ama tanto que deu o próprio Filho em sacrifício para que você possa ter vida em abundância na terra e vida eterna na presença do Senhor.

Se você fosse o único pecador sobre a face do planeta, mesmo assim o Senhor teria vindo ao mundo e morrido na cruz apenas para salvá-lo! O que acha disso? “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?” (Romanos 8.31-32).

O filho mais velho sentiu-se injustiçado e recusou-se a entrar em casa e participar da festa. Afinal, quem estava sendo abençoado era outro, não ele. Mas o pai o buscou com amor. Deixou o banquete, saiu de sua própria casa, foi ao quintal, insistiu com o jovem (v.28). Humilhou-se diante dele e dos convidados. Seu desejo era ganhar aquele filho, pois não o amava menos do que aquele que voltara de um país distante.

III – A INSATISFAÇÃO DECLARADA

²⁸ Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo. ²⁹ Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos;

Chegamos ao ponto da história em que o próprio filho confessa seu descontentamento. E veja bem: Isso já é um progresso enorme! Há muitos que vivem insatisfeitos, mas são incapazes de admitir o fato para si mesmos, para os outros e para Deus. Pelo menos ele teve a coragem de assumir o que sentia e pensava naquele momento. Ele estava consciente da sua frustração e derramou-a, irado, sobre o pai, na forma de lamúrias e reclamações. E o que ele diz é profundamente revelador.

Em primeiro lugar, o pródigo que ficou mostra que se vê como servo, e não como filho. “Há tantos anos que te sirvo”, diz ele. Ele não tinha pai e não se via como filho. No seu entendimento, ele tinha um patrão para quem trabalhava e de quem esperava em troca alguma compensação. Não havia nada de afeto, de graça, de misericórdia nessa relação: Só lei e interesse. Não é de admirar, pois, que vivesse insatisfeito e triste. Não pode haver contentamento na obrigação. Só no amor há alegria.

Em segundo lugar, o filho mais velho revela que o seu conceito de alegria estava intimamente ligado à existência de bens materiais. “Nunca me deste um cabrito sequer”, é a sua queixa, “para alegrar-me com meus amigos”. Dá a entender que, se tivesse um cabrito, seria feliz. Pai e filho têm maneiras diferentes de pensar. Para o pai, matar o bezerro cevado e fazer um churrasco para toda a aldeia é uma **consequência** de sua alegria, uma forma de expressá-la, uma maneira de comemorar sua reconciliação com o filho perdido. Para o pródigo que ficou, o cabrito e a festa são, em si, o **próprio motivo** da alegria.

É importante sabermos que Deus quer mais do que servos; Ele quer filhos. Assim disse Jesus: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer” (João 15.15). O Pai celestial quer filhos que possam desfrutar da sua

comunhão e das suas misericórdias em amor. Frequentemente, porém, manifestamos um coração de servo, e não de filho; e uma disposição de interesse, e não de amor. Como o pródigo que ficou, revelamo-nos mais amigos das bênçãos de Deus do que do Deus amoroso “doador de toda boa dádiva e de todo dom perfeito”. (Tiago 1.17).

IV – A INSATISFAÇÃO CONFRONTADA

O que o pai da parábola fará para ganhar esse filho revoltado? Se ele exigir, o filho entrará em casa e participará da festa, ainda que a contragosto. Afinal, ele é servo e sabe muito bem obedecer às suas ordens. Mas não é o que o pai deseja. Ele não quer o amor indiferente de seu filho, e então fala a ele de maneira diferente.

O pai fala “Meu filho” e demonstra amor. Em nenhum momento o pródigo que ficou chama-o de pai; é o moço quem faz isso, por gratidão. O caçula acaba se revelando mais amoroso, apesar de toda a sua rebeldia. E você? Vê Deus como um pai ou como um patrão, um carrasco, um juiz?

O pai também diz “tú sempre estás comigo”. Esse era um privilégio do qual o filho mais novo abria mão e depois se arrependera amargamente. O filho mais velho conservara tal privilégio. Tinha o pai mais amoroso da aldeia e estava bem perto dele. Mas não percebia, não valorizava isso. Tinha todos os motivos para sentir-se feliz e satisfeito, pois o pai estava sempre com ele. Mas não enxergava a preciosidade dessa presença. Também era um pródigo, pois estava desperdiçando a comunhão com o pai que tantos gostariam de ter.

O pai disse “tudo o que é meu é teu”. Todas as bênçãos e bens, as casas, os campos, os animais, os empregados, a plantação, toda a herança estava à sua disposição. Não como um pagamento feito a um servo, mas como um direito do filho! Ele não matou um cabrito para alegrar-se com os amigos porque não quis. Se quisesse, poderia ter assado bezerros! Que trágicas e patéticas figuras somos nós! Preocupamo-nos, reclamamos de pobreza, de problemas, de privações, quando todas as bênçãos de Deus se acham ao nosso dispor!

O pai da história que Jesus contou tinha dois filhos: Um insatisfeito que se foi e um insatisfeito que ficou. Os dois foram pródigos, pois ambos desperdiçaram a comunhão e os bens do lar paterno. Não souberam valorizar o pai nem o que ele lhes proporcionava. Um caiu em si, arrependeu-se, reconciliou-se. Esse terminou a história com uma vestimenta nova, um anel no dedo, os pés calçados e a comunhão do pai, regozijando-se numa festa sem fim. E o outro? O que terá acontecido com ele? Jesus não relata, pois o outro somos nós, e ele deixou o final em aberto para que você que lê este relato possa terminar de escrever.

Então... O que faremos depois de termos ouvido essa história?

A parábola do filho pródigo se encerra com um duplo apelo: ao amor, para que nos alegremos com o pai e com os irmãos; e ao arrependimento, para que, mortos, revivemos e, perdidos, encontremo-nos. Deixa-nos, também, uma lição final: Deus se relaciona conosco pelo amor, não pela obrigação. Trata com gente, não com coisas. Opera através de relacionamentos, não de leis. O amor é a essência da vida cristã e não há outra forma de vivermos contentes e satisfeitos a não ser amando a Deus sobre todas as coisas e o nosso próximo como a nós mesmos.